

EVANILDO BECHARA

Professor Titular e Emérito da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
e da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Membro da Academia Brasileira de Letras
e da Academia Brasileira de Filologia

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

37.^a edição
Revista e Ampliada

SBD-FFLCH-USP



258415

EDITORA LUCERNA
Rio de Janeiro – 2004

Ainda uma vez os determinantes nominais

1) Adjunto adnominal – Depois de conhecidas as funções sintáticas até aqui enumeradas, estamos em condições de prosseguir no aprofundamento dos determinantes nominais, também chamados *adjuntos adnominais* que começamos a ver quando falamos da expansão do núcleo do sujeito em (↗409).

Toda expressão nominal, qualquer que seja a função exercida pelo seu núcleo, pode ser expandida por determinantes que têm por missão acrescentar idéia acidental complementar ao significado desse substantivo nuclear. O resultado dessa expansão é um grupo unitário sintagmático nominal. Estas expansões

não alteram a relação gramatical do núcleo, mas tão somente aludem a aspectos diferentes da realidade do conteúdo significativo do substantivo ou da expressão nominal a ele equivalente. Daí o resultado de uma expansão exercer na oração a mesma função do núcleo despojado do(s) seu(s) determinante(s):

Sujeito	Núcleo do Predicado	Objeto direto	Compl. relativo	Compl. indireto	Adj. Adv.
José	estuda.				
O meu primo José	estuda.				
Ela	comprou	livros.			
Ela	comprou	muitos livros de literatura.			
Nós	demos	presentes		a parentes.	
Nós	demos	muitos presentes		a todos os parentes distantes.	
Os professores	gostam		de alunos.		
Os professores	gostam		de alunos estudiosos.		
Meus pais	trabalham				em casa.
Meus pais	trabalham				em casa de campo.

O grupo sintagmático nominal pode constituir-se de vários tipos:

1— Os que podem ocorrer à esquerda ou à direita do *substantivo + adjetivo*

Passai belos dias em cidades agradáveis.

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo, artigo e pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos adiante):

Noites *claras* prenunciavam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometeia chuva.

Na seqüência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador (algum, certo, vários, todo, todos, qualquer, alguns (de), vários (de), etc.)* (✓ 193):

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante, e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os seus livros não estavam na estante.

Aqueles dois erros eram graves.

Vários de meus sobrinhos são engenheiros.

Aqueles dois seus vizinhos trabalhavam no comércio.

2— Os que normalmente só ocorrem à esquerda do *substantivo + determinantes*, que incluem as seguintes classes de palavras:

a) artigo e os pronomes demonstrativos

Os bons filmes entrarão em cartaz *esta semana*.

b) substantivo + pré-determinantes (que incluem as seguintes classes de palavras: *pronome possessivo* e o *numeral*):

Os seus livros não estavam na estante.

Aqueles dois erros eram graves.

c) substantivo + pós-determinantes (que incluem os quantificadores, representados pelos pronomes indefinidos)

Todos os três meus bons amigos chegam hoje.

Os do tipo 1 (*substantivo + adjetivo*) podem ter estruturas diferentes:

a) um adjetivo:

belos dias em cidades agradáveis

b) um grupo preposicionado equivalente a adjetivo, que pode ou não ter um correspondente signo léxico na língua. Neste caso, quando o substantivo entra num grupo adjetivado, não concorda em gênero e número com o substantivo núcleo, e, se aparece no plural, não o faz pelo fenômeno da concordância, mas em atenção à realidade comunicada: *copo com defeito / copos com defeito*; mas *copo com defeito / copo com defeitos* (por se querer referir a mais de um defeito existente no copo).

homem de coragem (corajoso)

pão com manteiga (amanteigado)

copo com defeito (defeituoso)

casa de Pedro

cama de solteiro

c) uma oração transposta à função adjetiva:

O homem que tem coragem (corajoso)

A casa que Pedro possui

2) **Complemento nominal** – Uma tradição gramatical mais recente, atentando para o aspecto da realidade comunicada, e de certas relações gramaticais nela existentes, tem procurado distinguir os diversos sentidos em que se interpretam as expansões de substantivo como as seguintes, sem esgotar a exemplificação:

- a resolução do diretor
- a prisão do criminoso pela polícia
- a remessa dos livros
- a resposta ao crítico
- o assalto pelo baralhão
- a ida a Petrópolis

Assim é que essa tradição, partindo do conteúdo de *resolução do diretor* equivalente a *o diretor resolveu*, classifica *do diretor* como “complemento (e não adjunto) nominal subjetivo”. Já em *prisão do criminoso*, equivalente a *o criminoso foi preso*, teremos um “complemento nominal subjetivo passivo”. Em *a remessa dos livros*, equivalente a *alguém remeteu os livros, dos livros se classificará* como “complemento nominal objetivo”. Como “complemento nominal objetivo indireto ou terminativo” será *ao crítico* do grupo sintagmático preposicionado será classificada como “complemento de agente ou de causa eficiente”. Já em *ida a Petrópolis*, teremos um “complemento nominal circunstancial” [JO.1, 223-227].

À primeira vista, em relação aos termos primários da relação predicativa (sujeito-predicado), não há razão para um tratamento sintático diferente do adjunto adnominal, tendo em vista que também com o complemento nominal a expansão do grupo sintagmático não modifica a relação gramatical do núcleo:

<i>Sujeito</i>	<i>Predicado</i>
A casa de Pedro	é espagosa
A resolução do diretor	surpreendeu a todos
A prisão do criminoso pela polícia	mereceu elogio da imprensa

Assim também qualquer variação tanto no núcleo do adjunto adnominal quanto no do complemento nominal não alterará a relação com o núcleo verbal:

A casa do vizinho	} é espagosa
A casa dos vizinhos	
A resolução do diretor	} surpreendeu a todos
A resolução dos diretores	

Podemos apontar outros aspectos gramaticais em que os dois termos apresentam traços comuns, como: a) a posição à direita do núcleo; b) a inexistência de

pausa; c) a introdução por preposição, obrigatória no complemento nominal e muito frequente no adjunto.

Todavia o complemento nominal está semanticamente mais coeso ao núcleo, por representar uma construção derivada mediante a nominalização, fenômeno que não ocorre no adjunto adnominal:

- O diretor resolveu → A resolução do diretor
- A polícia prendeu o criminoso → A prisão do criminoso pela polícia

Esta relação semântico-sintática provoca a impossibilidade – se não estiver já assinalado ou conhecido no contexto – de apagamento do complemento nominal, *sem que isto estabeleça a razão primordial para distinguir o complemento do adjunto*, uma vez que há adjuntos imprescindíveis:

- * A resolução surpreendeu a todos
- * A prisão pela polícia mereceu elogio

Estando a nominalização presente quer no complemento nominal de função primária subjetiva (*a resolução do diretor* ← *o diretor resolveu*), quer no de função primária objetiva (*a descoberta da imprensa* ← *Gutenberg descobriu a imprensa*), não cabe classificar no exemplo *a resolução do diretor*, *do diretor* como adjunto adnominal, enquanto no exemplo *a descoberta da imprensa*, *da imprensa* como complemento nominal [VK.4].

Ambos os termos participam das mesmas características próprias ao complemento nominal; além da nominalização, não admitem apagamento:

- a resolução do diretor → *a resolução
- a descoberta da imprensa → *a descoberta

Impõe-se, desta maneira, incluir o complemento nominal como termo argumental.

OBSERVAÇÃO: Cabe não confundir casos de impossibilidade de apagamento com outros em que o nosso saber sobre as coisas do mundo impede, por incoerentes, construções do tipo *Conheci um homem de pernas*, *João tem uma voz*; uma vez que a nossa experiência concebe todo homem com pernas, ou com voz. Todavia, anula-se a incoerência se tais substantivos vêm acompanhados de adjetivos: *Conheci um homem de pernas longuíssimas*, *João tem uma voz roufenha*, já que nem todos os homens têm pernas longuíssimas nem voz fanhosa. Portanto, nestes casos não se trata de um saber idiomático, mas de um saber elocutivo (☞ 33).

Há evidente paralelismo entre a estrutura interna do complemento nominal e das orações. Este tratamento especial do complemento nominal serve para explicar fatos gramaticais que ficam mais evidentes à luz desta distinção.

Por exemplo, o termo nominalizado (substantivo, adjetivo ou advérbio de base nominal) pode contrair as mesmas relações sintáticas da construção básica; se o núcleo verbal é complexo e se acompanha de complementos, a construção derivada apresenta estes termos:

A mãe ama o filho → O amor de mãe ao filho

A polícia prendeu o ladrão → A prisão do ladrão pela polícia

Jesus ama as crianças → o amor de Jesus às crianças

O carteiro entregou a carta de José ao Mário → A entrega da carta de José ao Mário pelo carteiro

A seleção da preposição que introduz o complemento nominal quase sempre está determinada pela preposição que acompanha o complemento verbal:

Foi à cidade → A ida à cidade

Penetrou na floresta → A penetração na floresta

Inclinou-se à música → A inclinação à música

De modo geral, a gramática tradicional tem apontado complementos nominais restritos a processos de nominalizações que envolvem substantivos (*desejo de vitória* ↔ *desejar a vitória*), a adjetivos (*desejoso de vitória* ↔ *desejar a vitória*), ou a advérbios (*referentemente ao assunto* ↔ *referente [adjetivo] ao assunto* ↔ *referência [substantivo] ao assunto*). Mas há outros que devem sua presença a traços semânticos do núcleo nominal, independentes de nominalizações. Vejamos alguns desses tipos.

Como núcleo do sintagma nominal, teremos, de início, substantivos formalmente relacionados a verbos que assumem relações muito semelhantes às que ocorrem nas orações, conforme já vimos nos exemplos:

a saída do trem / o trem saiu

a entrega da carta / (alguém) entregou a carta ou a carta foi entregue

O substantivo formado de adjetivo também goza da estrutura argumental que lhe é própria:

a cultura do professor / o professor culto

Todavia, como a estrutura argumental depende do significado léxico de cada palavra, substantivos há que, não se relacionando morfológica ou materialmente a verbos e adjetivos, selecionam termos argumentais, inerentes ao conteúdo de pensamento designado. Tais termos atendem às duas condições básicas do estatuto dos argumentos: a) o núcleo os seleciona semântica e categorialmente; b) o núcleo lhes impõe uma interpretação determinada [EV.1, 32].

Estão neste caso de argumentos inerentes:

a) Os substantivos relacionais, isto é, aqueles que não fazem referência a indivíduos, mas expressam relações entre indivíduos. É o caso dos termos de parentesco, do tipo de *pai, mãe, filho, irmão*:

o pai de Eduardo

a tia do Daniel

o irmão da Bebel

Incluem-se neste rol, naturalmente, substantivos como *amigo, colega, companheiro*:

o amigo de Cleto

a colega de Georgete

Cabe lembrar que substantivos referidos à mesma entidade podem incluir-se ou não no grupo dos relacionais. Por exemplo, *pátria* e *pais*: o primeiro é relacional, se significa o lugar de nascimento, porque é pátria sempre relacionado a alguém, enquanto *pais* ('nação', 'região') não faz necessariamente referência a um indivíduo. O exemplo apresentado por Escandell Vidal *mascole e cão* é mais evidente, porque a mascote pressupõe ser-lo de alguém, o que não se dá com o substantivo *cão*.

Os nomes de partes do corpo e aqueles que aludem a partes constitutivas de uma entidade, física ou abstratamente considerada:

os braços da dançarina

o rosto da criança

a face do problema

o galho da árvore

o cérebro da equipe

o x da questão

b) Os substantivos icônicos, isto é, que designam representação, tais como *retrato, quadro, fotografia, filme, película*, quando referidos a entidades retratadas, pintadas, fotografadas, etc.

Note-se a diferença entre:

(1) *O retrato de Machado de Assis*

(2) *O retrato da galeria*

Em (1), o significado de *retrato* seleciona o termo argumental *Machado de Assis*, interpretado o sintagma nominal como 'o retrato em que aparece M. de Assis'.

Em (2), já *retrato* se acha acompanhado de um adjunto adnominal, sendo 'o retrato da galeria' interpretado como 'o retrato exposto na galeria'.

Também pode, no caso (1), o termo argumental referir-se não à entidade retratada, mas ao próprio autor do retrato ou quadro:

O quadro de Vitor Meireles

As referências à entidade retratada e ao seu autor podem concorrer no sintagma nominal mediante os dois termos argumentais:

O quadro da Proclamação da Independência de Vitor Meireles (i. é, o quadro que retrata a Proclamação da Independência de autoria de Vitor Meireles).

Pode até juntar-se a esses dois termos argumentais o adjunto adnominal:

O quadro do Grito do Ipiranga de Vitor Meireles do Museu de Belas Artes

Incluem-se entre os substantivos que designam representação os que se aplicam a produtos da atividade intelectual, como *livro, artigo*, etc.:

O livro de Graciliano Ramos intitula-se Vidas Secas

Assim como o adjunto adnominal pode ser representado por uma expansão mais complexa do núcleo nominal, isto é, por uma oração subordinada adjetiva:

A casa *comprada* está perto da cidade

A casa *que comprei* está perto da cidade,

assim também o complemento nominal pode ser representado por uma oração subordinada (originalmente substantiva) completiva nominal (↗ 468):

O desejo *de tua vitória* é constante

O desejo *de que venças* é constante